

De como e quando se descobre um grande poeta

Romance é a reunião da poesia completa de Caio Meira até o momento, desde sua estréia com *No oco da mão* em 1993; e inclui os poemas mais recentes, até então inéditos. São, portanto, 20 anos de poesia deste que é um dos mais significativos poetas de sua geração. Do lugar negativo a partir do qual o poeta cria sua obra, brota uma poesia de primeira grandeza, facilmente comprovada pela leitura dos poemas que compõe este livro. Opondo-se às leituras críticas que insistem em privilegiar uma linhagem predominantemente retiniana e objetivista para a poesia brasileira contemporânea, *Romance*, com sua convocação do corpo e realização quase performática, vem justamente comprovar a potência dessa poesia em chaves mais amplas, e renovar a oportunidade de descoberta de um grande poeta. Diz ele, em dois tempos (no poema “De como e quando se descobre uma falcatrua” e numa entrevista para Rodrigo de Souza Leão): *Para ele, é mais uma prova cabal de desonestidade, de que precisa ir mais fundo, cavar nas entranhas algo mais genuíno [...]. Então entra num táxi e diz ao motorista: “para mim, ao contrário, a poesia vem de uma fissura, uma rachadura, de algo que ele [o poeta] não tem e não terá jamais”.*

Em Caio Meira, o poeta teme(i)rariamente cai, ou seja, se retira de cena, apagando-se ou deslocando-se do centro da vida, ou observando a vida, em sua branda, meticulosa, ínfima absurdidade (“outras vidas, a mesma”, *a vida esguia, de esguelha*), para – e aqui podemos vislumbrar a grandeza e relevância dessa obra – desvelar, numa sucessão de epifanias frágeis (no sentido de comuns e quotidianas, como unhas atochadas na graxa; no sentido de efêmeras e de jamais se confirmarem: *talvez fosse milionário e igualmente descontente, talvez estivesse feliz/ criando cogumelos em Nova Lima*), a própria *vida*; em presença manifesta, corpórea e luminosa, de uma forma genuína e verdadeira, ou seja, sem alarde, sem o mistério da encarnação, sem vã filosofia ou premeditado lirismo, sem esperança e redenção, e, no entanto, amorosa, enigmática e inapreensível, *mais uma coisa que você pode perguntar ao primeiro cachorro na rua que ele vai lhe dizer.*

Como tantas obras contemporâneas que realmente interessam, a escrita de Caio Meira (e aqui poderíamos pensar num possível espelhamento entre Caio e Ana Cristina César) privilegia um certo deslocamento do sujeito, um certo jogo de máscaras, sensível à alteridade e à vida mútua, construindo uma poética da transitoriedade, do *entre* – entre confissão e literatura, entre espaços de passagem (*trajetórias indefinidas, voos cegos de ideias inacabadas*) e brechas, bordas, “entre-fôlegos”. Entre uma vida e outra: *um abraço, um beijo, um sorriso*, uma respiração: entre um corpo e outro – o corpo, a *vida*. É no corpo (*sei que*

tenho 32 dentes) que, em Caio Meira, a *vida*, em sua perplexante materialidade, de forma mais pungente se manifesta (frequentemente à revelia do próprio sujeito, como atestam os poemas que compõe a série “Fenomenologia para a ereção”), e se enlaça com outras vidas:

Ainda que dentro de casa, dentro do quarto, sobre
a cama, debaixo do lençol, ainda que dentro
de mim, sou devolvido ao meio do mundo. No meio
do caminho da minha vida, abundante no meio de mim e
copioso no meio das pernas, no meu caminho do meio,
caminho para fora de mim, para fora de casa, no
caminho para fora do mundo, ou para o interior fértil
do mundo, no espaço do mundo em que o
mundo se gera e grita para fora de si, mas para dentro
de mim, mas para fora da vida, aqui dentro de casa,
eu duro dentro de mim, mas fora
de mim, mas dentro da minha vida,
a vida é dura fora de mim, a vida é doce
dentro de mim, a vida dentro
e fora de mim, no meio do caminho da minha
vida, a vida vive dentro de mim.

Nessa série, na condição de *corda atada latejando*, a vida, ávida, no jogo entre ausência/presença, positivo/negativo, masculino/feminino da poesia de Caio Meira, é afirmada: aquilo que desabrocha (no mundo, no corpo), permite uma identidade qualquer (*chofer de caminhão; mecânico de garagem*), ou seja, permite um lugar (ainda que contingencial), um posicionamento fálico, ao qual o eu lírico tampouco se cola, sendo antes mais meio, instrumento, do que sujeito (*a ereção (da qual sou sujeito apenas/ transitório) não seja mais meu atributo...*) dessa vida que faz ligação entre corpos; aquilo que é mais forte do que nós, a carne revestida de pele que nos une e nos separa. Assim, a poética de Caio Meira poderia ser chamada de poética da carne e suas exigências, ou melhor, da *pele*, da epiderme, do órgão que pode fazer uma carne sensível à outra (*acordo e durmo debaixo da pele; entre membranas impalpáveis*). Do contato entre corpos, da fricção entre peles, nasce o poema:

mas
efetivamente sentido pelo corpo e transmitido pelos meios
elétricos e químicos ao lugar em que se dá
a geração destas palavras, em que brotam as ideias
que se armazenam e perduram no meu corpo

São, portanto, profundas, em Caio, as relações entre corpo e linguagem. Poeta que se descobre performático, que funda e encena uma espacialidade instável em sua poesia, onde dentro e fora podem se misturar (*transeuntes engolem breu na areia da praia*), apagando suas fronteiras: o que é colocado em jogo, nos poemas-pele de Meira, é a instabilidade das bordas e zonas de contato entre eu e o outro, ou o mundo; ou melhor, a elasticidade da

própria borda, a porosidade da própria pele, sempre a deslocar (e por vezes ameaçar) o posicionamento e a identidade do sujeito, situado em perpétuo processo de modelagem (como, por exemplo, a osmose da vida suburbana: *num desses dias, ele acorda querendo colocar um som mais potente no carro*). Tal plasticidade torna-se detonadora de uma estranheza, de sua própria estranheza (*Não, não me reconheço nesse corpo/ estranho*), forjando um novo corpo, sempre amorfo, em constante devir, irreconhecível: a própria *vida* e sua matéria. Corpo estranho à linguagem, inassimilável pela linguagem, inominável, o que resta, o que invade: aquilo, no entanto, que doa sentido à poesia de Caio Meira (*a forma do seu tronco colado ao meu naquele dia em que nos/ encontramos*). Que tal convívio com o *real* possa ser genuína e não-inguenuamente vivenciado/articulado com amorosidade e espanto inaugural diz muito sobre a contribuição que a poesia pode oferecer aos desafios da existência contemporânea, sua atualidade:

esse sorriso sem ardis mas que me queima, aceso desde a
fonte desatinada e seus coloridos imprudentes, esse sorriso
agora

em minha boca

Renato Rezende